

## ESTRATÉGIAS DE ADEQUAÇÕES CURRICULARES UTILIZADAS EM AMBIENTE DE CLASSE HOSPITALAR

RENATA MARQUES ISSA<sup>1</sup> - UERJ

EDICLÉA MASCARENHAS\_FERNANDES<sup>2</sup> - UERJ

SÍRIA DIAS ISMAEL ROSA<sup>3</sup> - UERJ

VIVIANE SOUZA DE OLIVEIRA<sup>4</sup> - SME/RJ

MARIA INÊS ANDRADE CRUZ<sup>5</sup> - SME/RJ

**Modalidade:** Comunicação Oral

**Área Temática:** Procedimentos de ensino: acomodações/adaptações curriculares e avaliação

### Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar as estratégias de adaptação curricular implementadas pela classe hospitalar do Hospital Infantil Ismélia da Silveira situado no município de Duque de Caxias no Estado do Rio de Janeiro. Toma-se como base para este artigo autores referenciais como Ceccim (1997), Fonseca (2000, 2003), Freire (1983), Ortiz & Freitas (2005), Fernandes (2004, 2010), Issa (2011), Rodrigues (2009) e Rodrigues (2010). Assim como às análises dos documentos publicados pelo MEC/SEESP: Adaptações Curriculares – Estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais (MEC, 1998); Projeto Escola Viva – Adaptações de Grande Porte – Cartilha 05 e Projeto Escola Viva – Adaptações de Pequeno Porte – Cartilha 06 (MEC, 2000) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/SEESP,

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEEI/UERJ) Rua Silvia, 46 – Piedade – 20740-180 – [renatamarques30@yahoo.com.br](mailto:renatamarques30@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Professora Adjunta do Departamento de Educação Inclusiva e Continuada da Faculdade de Educação / Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Coordenadora do Núcleo de Educação Especial e Inclusiva- Rua Quintino Bocaiúva 50- centro – Duque de Caxias – 25010-280 – [professoraediclea.uerj@gmail.com](mailto:professoraediclea.uerj@gmail.com)

<sup>3</sup>Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEEI/UERJ) – Rua Claudionor Perí, 11 – São João de Meriti – 25555-831 – [diassiriaismael@hotmail.com](mailto:diassiriaismael@hotmail.com)

<sup>4</sup>Professora da Classe Hospitalar do Hospital Infantil Ismélia da Silveira de Duque de Caxias – Pedagoga – Psicopedagoga Institucional e Clínica - Rua Gonçalves Ledo, 1988 - Parque Lafaiete – Duque de Caxias – 25025-200 – [vivisouza\\_80@yahoo.com.br](mailto:vivisouza_80@yahoo.com.br)

<sup>5</sup> Psicóloga Educacional da Coordenadoria de Educação Especial do Município de Duque de Caxias – Consultora do Programa de Classe Hospitalar – Rua Capitão Tamarindo, 70 – Laguna e Dourados – Duque de Caxias – CEP 25011-430 – [nilacruz100@yahoo.com.br](mailto:nilacruz100@yahoo.com.br)

2002. Para alcançar tal objetivo utilizamos a pesquisa bibliográfica e participativa descrevendo as estratégias de adaptação dos materiais didático-pedagógicos no contexto das adaptações curriculares na classe hospitalar. Ao oferecer um currículo diversificado às crianças hospitalizadas no Hospital Infantil conseguimos resgatar as forças de criação potencializadoras do aluno-enfermo, oferecendo oportunidade do acesso desse aluno ao saber científico, sua inserção no mundo da escola, e seu direito à identidade.

**Palavras – chave:** Classe Hospitalar; Currículo; Adaptações Curriculares.

## Introdução

As relevantes modificações na área educacional no decorrer do tempo requerem por parte dos educadores novas posturas frente a diferentes maneiras de atuar e pensar sobre o saber. As diferentes formas de comprometimento no processo de ensino e aprendizagem devem abranger, portanto, todas as esferas e contextos diferenciados dos educandos.

Segundo o Ministério da Educação (MEC), o nome oficial do trabalho pedagógico dentro do hospital é Classe Hospitalar, que sugere o atendimento educacional especializado em hospitais.

A Classe Hospitalar pressupõe a garantia do atendimento pedagógico-educacional durante o período de internação, promovendo às crianças e jovens assistências as suas necessidades educativas, prevenindo desta forma a evasão e o atraso escolar. É compreendida na modalidade de Educação Especial por atender crianças e/ou adolescentes considerados com necessidades educativas especiais em decorrência de apresentarem dificuldades curriculares por condições de limitações específicas de saúde. E como afirma Fonseca (2000):

“O atendimento pedagógico-educacional hospitalar contribui para a reintegração da criança hospitalizada na sua escola de origem ou para o seu encaminhamento à matrícula após a alta, uma vez que muitas delas, mesmo em idade de obrigatoriedade escolar, não freqüentam a escola.”  
(p.33)

O Hospital Infantil Ismélia da Silveira (HIIS) localizado no município de Duque de Caxias foi fundado em 22 de Agosto de 1970 como o único hospital municipal de Duque de Caxias que atende somente crianças. E que de acordo com Fernandes (2004) já existia como uma unidade humanitária criada por um grupo de mulheres do município: a Associação das Companheiras das Crianças, oferecendo cuidados médicos e também um trabalho assistencial coordenado pelo médico pediatra Moacyr do Carmo. Cabendo-se ressaltar que Moacyr do Carmo elegeu-se Prefeito do Município de Duque de Caxias em 1967 e como principal objetivo fundou o HIIS.

A classe hospitalar do Hospital Infantil iniciou-se no primeiro semestre de 2009 visando ao atendimento educacional a pré-escolares, escolares e adolescentes em situação de internação; impossibilitados de frequentar a escola por motivos de enfermidade, em virtude de situação de internamento hospitalar, oportunizando a continuidade no processo de escolarização, a inserção ou a reinserção em seu ambiente escolar.

O atendimento pedagógico é oferecido para alunos da Educação Infantil e primeiro segmento do Ensino Fundamental por uma professora da Rede Municipal de Educação do município de Duque de Caxias que esta lotada na Escola Municipal Drº Álvaro Alberto e conta com o apoio de uma estagiária do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro que atuam na sala de recreação do Hospital Infantil.

A classe hospitalar localiza-se na ala das enfermarias pediátricas do Hospital. Cabendo a Equipe pedagógica realizar atendimento no leito para as crianças que não se encontram em condições de frequentar a classe hospitalar. As atividades ocorrem de segunda a sexta, exceto as quintas que são reservadas para o estudo e planejamento das atividades. Os atendimentos se processam na maioria das vezes de forma multisseriada. No entanto, quando há necessidade, faz-se à intervenção individualizada.

A ação dos profissionais da educação hospitalar em sua prática deve ser um processo que implica o ensino ativo, dialógico e interativo entre a escola, família e o estudante, no qual o aluno é compreendido a partir de sua relação e integração em diferentes grupos sociais, educacionais e culturais. Devemos converter suas experiências em aprendizagens, rompendo os preconceitos, a fim de que todos possam aprender, valorizando as diferentes concepções de aprendizagem, os atributos pessoais, metas, ritmos e necessidades comuns ou específicos de cada estudante. Diante deste contexto afirma-se em Ceccim (1999):

“A hospitalização não implica, necessariamente, qualquer limitação ao aprendizado escolar e, apesar de ser na Política Nacional de Educação Especial (MEC/SEESP, 1994 e 1995) que a educação em hospital aparece como modalidade de ensino e de onde decorre a nomenclatura de “classe hospitalar”, deve-se ter presente que esta oferta educacional não se resume às crianças com transtornos do desenvolvimento como foi no passado (anos 50 aos 80), mas também às crianças em situação de risco ao lar, uma vez que a hospitalização impõe limites à socialização e às internações, impõe o afastamento da escola, dos amigos, da rua e da casa e impõe regras sobre o corpo, a saúde, o tempo e os espaços. O ensino e o contato da criança hospitalizada com o professor no ambiente hospitalar, através das chamadas classes hospitalares, podem proteger o seu desenvolvimento e contribuir para a sua reintegração à escola após a alta, além de protegerem o seu sucesso nas aprendizagens.” (p. 42)

Em nossa classe hospitalar, procuramos promover a humanização dos alunos pacientes, com afetividade e comprometimento profissional, criamos um ambiente de convivência saudável e prazerosa, aumentando o interesse pelas aulas e ajudando a elevar a autoestima do aluno.

Ao se definir os encaminhamentos metodológicos em contexto educacional diferenciado como o das classes hospitalares é necessário realizar uma adaptação dos conteúdos propostos frente às situações diferenciadas e individuais a que essa prática requer, como o tempo de permanência da criança na classe, sua situação de saúde, suas condições emocionais e principalmente os saberes que este aluno trouxe consigo de sua escola de origem.

“Quando se fala de adaptações curriculares está se falando, sobretudo e, em primeiro lugar, de uma estratégia de planejamento e de atuação docente e, nesse sentido, de um processo para tratar de responder às

necessidades de aprendizagem de cada aluno [...] fundamentado em uma série de critérios para guiar a tomada de decisões com respeito ao que é ao que o aluno ou aluna deve aprender, como e quando e qual é a melhor forma de organizar o ensino para que todos saiam beneficiados".(BRASIL, 2000).

## **Referencial Teórico**

A atuação pedagógica da Classe Hospitalar do Hospital Infantil se empenha em atender crianças com necessidades educativas especiais transitórias, ou seja, crianças que por motivo de doença precisam de atendimento escolar diferenciado e especializado. Sendo assim, a busca de alternativas e métodos qualificados que possibilitem aos pacientes usufruírem de abordagens educativas por um determinado espaço de tempo são fundamentais.

Para tanto, autores referenciais como Ceccim (1997), Fonseca (200, 2003), Freire (1983), Ortiz & Freitas(2005), Fernandes(2004, 2010), Issa (2011), Rodrigues (2009) e Rodrigues (2010).Assim como às análises dos documentos publicados pelo MEC/SEESP chamados de Adaptações Curriculares – Estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais (MEC, 1998); Projeto Escola Viva – Adaptações de Grande Porte – Cartilha 05 e Projeto Escola Viva – Adaptações de Pequeno Porte – Cartilha 06 ( MEC, 2000) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/SEESP, 2002 deram fundamento para a realização desta pesquisa.

## **Objetivo**

A educação hospitalizada tem como base o atendimento personalizado ao educando internado, onde se desenvolve uma proposta pedagógica de acordo com as suas necessidades e possibilidades diárias. O professor propicia a criança/adolescente o regresso à aprendizagem, uma vez que estaria estagnada, justificada pelo processo de internação.

Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo apresentar as estratégias de adaptação curricular implementadas pela classe hospitalar do Hospital Infantil Ismélia da Silveira, através da relação com o outro, a relação com o saber no cotidiano da relação pedagógica, as interpretações dadas ao currículo, as alterações de sentidos, do conhecimento e do saber, que contribuem, de forma concreta, para a inclusão e para a ação pedagógica em ambientes hospitalares.

## **Metodologia**

O estudo fundamenta-se em revisão bibliográfica e em uma pesquisa participativa realizada na Classe Hospitalar do Hospital Infantil Ismélia da Silveira. De acordo com Fernandes (2007) a pesquisa participante *"ênfatiza a relação entre o pesquisador e o pesquisado, na busca da superação de um determinado problema enfrentado."* Sendo assim, por meio do acompanhamento dos usuários, implementamos e desenvolvemos proposta pedagógicas compatíveis ao espaço hospitalar mantendo o vínculo escolar da criança no momento da sua internação.

Serão abordadas neste estudo adaptações curriculares de pequeno porte oferecidas no Hospital Infantil Ismélia da Silveira desde 2009 ao primeiro semestre de 2012, já desde o início do projeto houve a preocupação de desenvolver um currículo flexível e diversificado. São denominadas de pequeno porte porque "sua implementação encontra-se no âmbito de responsabilidade e de ação exclusivos do professor, não exigindo autorização, nem dependendo de ação de qualquer outra instância superior, nas áreas política, administrativa, e/ou técnica" (Ministério da Educação, 2000, p.24).

De acordo com Oliveira (2008) o currículo é um conceito polissêmico que implica vários aspectos: didáticos, políticos, administrativos, econômicos, crenças, valores etc. Então é necessário certo cuidado inicial frente a qualquer definição que se apresente como capaz de reger a prática curricular. Cabendo-se ressaltar que o currículo para ser efetivo precisa de uma dimensão de visibilidade que permita a proposição de experiências de aprendizagem significativas.

Pensar em adequação curricular significa considerar o contexto das escolas, levando-se em conta as necessidades e potencialidades dos seus alunos e os valores que orientam a prática pedagógica. Para os alunos que apresentam necessidades especiais esses fatores têm um significado muito importante.

As adaptações curriculares são estratégias educativas para facilitar o processo de ensino-aprendizagem para alunos com necessidades educacionais especiais. Estas estratégias pretendem, a partir de modificações mais ou menos extensas realizadas sobre o currículo formal, ser uma resposta à diversidade individual independentemente da origem dessas diferenças: histórico pessoal, histórico educativo, motivação e interesses, ritmo e estilo de aprendizagem. Não se trata de um novo currículo, mas um currículo dinâmico, flexível, passível de ampliação para que atenda a todos os educandos.

Do ponto de vista do ambiente hospitalar, Fonseca (2003) admite o hospital como um ambiente bastante impessoal. Qualquer pessoa que se hospitaliza, tanto criança quanto adulto, sente-se como se tivesse perdido a identidade e passa a ser um número de leito ou a uma enfermidade. Essa ruptura (ainda que temporária) com o mundo externo provoca uma série de sensações que oscilam desde a fragilidade ao abandono. Como consequência, altera-se o próprio estado de saúde.

Dentro da classe hospitalar, atendem-se alunos com variadas patologias clínicas, idades diferenciadas que integram e interagem num mesmo espaço, deste modo obtêm-se a cooperação de todos a troca de ideias, e principalmente o relacionamento entre os pacientes. Diante dessa diversidade existente na classe hospitalar se faz necessário que o educador aja com audácia, expondo aulas criativas de acordo com a possibilidade de cada paciente.

A forma de educar e conciliar idades e traumas no mesmo recinto é bastante delicado, por isso que as atividades são variadas e o atendimento torna-se individual, direcionando as propostas correspondentes com a escola de origem.

As atividades realizadas na classe hospitalar do hospital Infantil possuem começo, meio e fim no mesmo dia devido à rotatividade dos alunos e a professora

compreende que cada dia de trabalho se constrói com um planejamento bem estruturado e flexível.

A equipe pedagógica atende os alunos individualmente ou em grupo com atividades diversificadas e interessantes, apresentadas em folhas individualizadas pois os mesmos não tem muita disposição para “copiar” do quadro.

Segundo as Adaptações Curriculares – Estratégias para a Educação de alunos com Necessidades educacionais especiais (1998), “o trabalho pedagógico com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais deve envolver matérias didáticos auxiliares, acompanhamento e reforço contínuo.”

As adaptações curriculares abrangem as especificidades e as questões ligadas à identidade dos alunos-pacientes e ao contexto hospitalar. Priorizam-se os conteúdos mais significativos que são articulados com a matriz curricular das escolas de origem.

Para alcançar tais objetivos, a classe hospitalar do hospital infantil conta com os seguintes materiais: brinquedos, jogos pedagógicos, mesas, cadeiras, computadores, televisão, lápis de cor e preto, giz de cera, folha branca, hidrocor, dicionários, músicas, poemas, poesias, textos informativos, narrativos, livros didáticos e paradidáticos, revistas entre tantos outros que auxiliam neste processo educacional. Dessa forma analisam-se os parâmetros de Fonseca (2000):

“Se o professor dispõe de sala ambiente, ela deve ser constantemente organizada, a fim de que possa melhor suprir as demandas das crianças nela atendidas. Isto pode ser feito com base nas observações e registros de como as crianças exploram e utilizam os materiais nela existentes. O professor deve estar atento para disposição do material e substituir aqueles pelos quais as crianças pareçam não se interessar muito, ou criar estratégias para que elas passem a explorar tais recursos.”(p.44)

O atendimento nos leitos acontece nos casos em que o aluno fica impossibilitado de deslocar-se até a classe hospitalar, oferecendo atividades direcionadas conforme a idade e ano de escolaridade, pranchetas (para que os alunos possam escrever com firmeza), livros paradidáticos, lápis de cor, lápis



preto, borracha etc, mas se mesmo assim o aluno não estiver bem disposto e se recusar a fazer as atividades as atividades ela retorna em outro momento.

Com o propósito de realizar uma educação continuada, a equipe pedagógica proporciona atividades alternadas de acordo com a capacitação diária do paciente, ora educativo-escolares, ora lúdico-educativas.

As propostas educacionais correspondem ao cumprimento de conteúdos formais das classes comuns, contudo, com a cor e a luz da ludicidade, sem perder de vista as habilidades, a serem construídas como: escrever pequenos textos, ler em voz alta, ler para o outro, resolver situações problemas simples, mesmo com o escasso material a criatividade das educadoras torna tudo mais atraente.

No período de permanência na Classe Hospitalar o aluno é acompanhado por meio de um documento intitulado “Relatório de Acompanhamento do aluno da Classe Hospitalar”, Cujos dados são preenchidos pela professora da Classe no período de internação, tais como: desenvolvimento cognitivo, afetividade e socialização, motricidade, comunicação oral, leitura e escrita e o brincar. Após a alta do aluno-paciente a família recebe este Relatório com a orientação de entregá-lo junto com as atividades pedagógicas à Escola de origem para que seja considerado o período escolar da criança durante sua internação.

Toda a ação educativa desenvolvida no planejamento tem a leitura como eixo condutor e é através da leitura que norteiam suas ações. Isso porque se considera que a leitura no ambiente hospitalar é uma atividade agradável que, não só preenche o tempo ocioso, mas também propicia e dinamiza a compreensão e atribuição de sentido sobre o conteúdo a ser desenvolvido. Outro papel importante da leitura, principalmente da literatura infanto-juvenil, é a capacidade de despertar, estimular a fantasia, a imaginação, a criatividade e envolver emocionalmente a criança hospitalizada a ponto de amenizar o estado de ansiedade em que muitas se encontram.

Já as propostas lúdico-educativas é uma mistura do conhecer-brincar-conhecer, onde se utiliza os jogos coletivos, contos, caça-palavras, teatros e música, aqui conseguimos trabalhar nossos objetivos através da ludicidade. Esse

processo de aprendizagem é baseado no ato de companheirismo, trocas e é marcada fortemente pelas relações afetivas entre o educador e o paciente, atribuindo à criança uma forma de incentivo para que ela não desista da luta pela saúde e se mantenha esperançosa em sua capacidade de recuperação.

Entendemos que, no contexto hospitalar devemos ter como base o artigo 24-Inciso V, da LDB que diz: “... a avaliação é contínua e acumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos...”

Portanto, usamos um processo dinâmico de avaliação, considerando principalmente todo o desenvolvimento dos alunos-pacientes nas atividades curriculares, levando em conta seus avanços em relação ao tempo em que ficam em atendimento. As avaliações devem acontecer durante todas as etapas das aulas para que realmente haja a apropriação significativa do conhecimento. Conhecer e respeitar o aluno-paciente faz parte desse processo avaliativo.

A equipe pedagógica da classe hospitalar do Hospital Infantil, em seu fazer pedagógico utilizou em momentos específicos Adaptações Curriculares de Pequeno Porte, implementadas em várias áreas e momentos da atuação do professor, são realizadas na promoção do acesso ao currículo, nos objetivos de ensino, no conteúdo ensinado, no método de ensino, no processo de avaliação e na temporalidade.

Materiais específicos adaptados pela equipe pedagógica como lápis adaptados engrossados que auxiliaram alunos com dificuldades na coordenação motora fina, uma prancheta adaptada possibilitou alunos que não podiam nem mesmo sentar no leito a escrever, pintar ou até mesmo manusear um livro.

Adaptações curriculares confeccionadas a partir de materiais recicláveis e de baixo custo, como papelão, cartolina, etc. adaptações que auxiliaram no desenvolvimento cognitivo das crianças hospitalizadas do hospital infantil Ismélia da Silveira através da classe hospitalar.

Cabendo-se ressaltar que dadas às condições especiais do espaço hospitalar alguns materiais não podem ser utilizados como massas tóxicas, tintas,

alguns tipos de emborrachados, além do cuidado para que os materiais selecionados possam passar por assepsia ou então serem descartados.

## Resultados

Diante da hospitalização, a criança passa a merecer atenção redobrada, pois ela encontra-se envolta em um mundo cheio de descobertas, sonhos, fantasias e surpreendentemente somem-se os brinquedos, a escola e os amigos. A partir deste momento ela se vê em contato diário com integrantes do grupo hospitalar, como médicos, enfermeiros, além dos familiares, que devem estar atentos e presentes para o melhor alento da criança/paciente.

Neste contexto apoia-se a Ortiz e Freitas (2005):

A prática docente é fortemente marcada pelas relações afetivas, servindo de reforço para que a criança não desista da luta por saúde e se mantenha esperançosa em sua capacidade de esforço. O professor passa a ser um mediador de estímulos cauteloso, solícito e atento, reinventando formas para desafiar o enfermo quanto à continuidade dos trabalhos escolares, a vencer a doença e a engendrar projetos na vida emancipatória. (p.67)

A pouco mais de três anos de existência, a Classe Hospitalar do Hospital Infantil Ismélia da Silveira através da prática dentro do ambiente hospitalar e com os pressupostos teóricos oferecidos pelas Diretrizes Curriculares, desenvolve a escolarização hospitalar como uma questão social, legal; pois através dela conseguimos resgatar o lado saudável do aluno hospitalizado oferecendo oportunidade do acesso desse aluno ao saber científico, há inserção dele no mundo da escola, e seu direito à identidade. De acordo com Fernandes (2010) ao relatar as práticas pedagógicas realizadas no Hospital Infantil, diz que:

“(...) o atendimento pedagógico educacional se constitui a partir das diferenças idade-série, numa organização multisseriada, onde a professora conta com um grupo heterogêneo e diverso em relação ao nível de aprendizado em que se encontram seus alunos, aproximando as

crianças hospitalizadas cada vez mais do seu ambiente escolar, envolvendo desde os processos de alfabetização até o ensino de diferentes disciplinas do ensino fundamental.” p.(154)

Para trabalhar com os alunos de zero a seis anos utilizou-se trabalhos com foco na estimulação (afetiva, física, cognitiva e sensorial) através de jogos, massa de modelar, pinturas, brinquedos, fantoches, músicas, dvd, além de trabalhos pedagógicos voltados para a alfabetização.

Com os alunos de sete a doze anos as atividades envolveram as atividades de acompanhamento escolar como, por exemplo: contar histórias, recreação, jogos, artes e atividades escolares relacionadas com a escolaridade que a criança está estudando na escola.

O trabalho realizado com os adolescentes envolve atividades pedagógicas utilizando o computador, acompanhamento dos estudos de acordo com o conteúdo escolar da série do adolescente.

A metodologia de ensino da classe hospitalar do Hospital Infantil é a mesma para trabalhar com os alunos especiais de qualquer faixa etária, porém de acordo com as suas necessidades específicas utilizamos as adaptações curriculares que os auxiliem no seu processo cognitivo.

Estas atividades minimizaram os efeitos da hospitalização atendendo as necessidades básicas da criança, favorecendo a esta, também um vínculo com o mundo que deixou fora do hospital.

Os resultados apresentados são sempre compensadores, as crianças reagem bem frente às atividades que lhes são ofertadas, assim como os pais e/ou acompanhantes, pois é comum pais e filhos brincarem juntos. Consideramos que a realização de atividades pedagógicas favorece a recuperação da criança e a aceitabilidade do tratamento, a criança fica mais alegre e encara o hospital de outra maneira, aliviando sua ansiedade.

## **Conclusão**

Para um bom trabalho na educação hospitalar, não se requer somente a formação acadêmica, mas habilidades específicas de uma práxis pedagógica complexa que envolve diferentes aspectos no trabalho cotidiano. É essencial a sensibilidade para atuar com os alunos hospitalizados, conhecimento do contexto hospitalar, habilidade para lidar com diferentes culturas e singularidades, capacidade de colaboração e estratégias didáticas para atender os mesmos. E, sobretudo a abertura para o outro independente da sua condição física, econômica e social, envolvendo o atendimento a diferentes aspectos que envolvem o fazer pedagógico em nossa instituição.

Sendo assim, nota-se a importância de um educador atuante na área da saúde, mas por falta de uma política nacional específica, as organizações e métodos desenvolvidos nas classes hospitalares variam entre si. Mas mesmo sem um critério padrão de educação hospitalar, diversos hospitais contam com a atuação de educadores e alunos do curso de graduação, onde desempenham as suas tarefas visando o bem-estar e a aprendizagem do enfermo.

### Referencias Bibliográficas

BRASIL. **Conselho Nacional dos direitos das crianças e do adolescente**. Resolução nº 41. Brasília: MEC, 1995.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº. 02, de setembro de 2001**. Institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990. Brasília: Imprensa Oficial, 1990.

\_\_\_\_\_. Ministério de Educação. **Adaptações Curriculares – Estratégias para a Educação de alunos com Necessidades educacionais especiais**, Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação - **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília. 1999.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Projeto Escola Viva – Adaptações de Grande Porte**, Brasília, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Projeto Escola Viva- Adaptações de Pequeno Porte**, Brasília, 2000.

CECCIM, R. B. **Atendimento pedagógico-educacional hospitalar: promoção de desenvolvimento psíquico, cognitivo da criança hospitalizada**. Temas de Educação. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

\_\_\_\_\_. CARVALHO, P. R. A. **Criança hospitalizada: atenção integral**. Porto Alegre. Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

FERNANDES, E. M. **Construindo um hospital hospitaleiro: acolhendo a família**. In: Anais do III Encontro Nacional e I Encontro Baiano sobre Atendimento Escolar no Ambiente Hospitalar. Salvador, 2004, p.30 – 40.

\_\_\_\_\_. **Metodologia Científica**. Rio de Janeiro: Editora UNIRIO, 2007.

\_\_\_\_\_. OLIVEIRA, V.S.; ISSA, R. M.; MACHADO, G. R.; CRUZ, M. I. **Escuta pedagógica aa criança hospitalizada no Hospital Infantil Ismélia da Silveira**. In: IV Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial e VI Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, 2010, São Carlos. IV Congresso Brasileiro de Educação Especial e VI Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Marília: ABPEE, 2010. p. 147-163.

FONSECA, E. S. da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.

\_\_\_\_\_. **A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/hemeroteca/edp/edp25/edp25n108.pdf>  
Acesso em: 20 out.2003a.

\_\_\_\_\_. **Classe hospitalar: ação sistemática na atenção as necessidades pedagógico-educacionais de crianças e adolescentes hospitalizados**. In Revista Temas sobre Desenvolvimento, V.8, Nº 44, Memnom, São Paulo, pp. 32-37, 2000.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez,1983.

ISSA, R. M.; FERNANDES, E. M.; ROSA, S.D.I.; OLIVEIRA, V.S.; CRUZ, M.I. **A classe hospitalar na concepção de seus usuários.** In: VI Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial/VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, 2011, Londrina. VI Congresso Brasileiro de Educação Especial. São Paulo: ABPEE, 2011. p. 1849-1860

OLIVEIRA, T. C.; RIBEIRO, A. E. A. **Textos Selecionados - II Simpósio sobre o Livro Didático de Língua Materna e Estrangeira e I Simpósio sobre Materiais e Recursos Didáticos.** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Edições Entrelugar, 2010.

ORTIZ, L C; FREITAS, S. N. **Classe Hospitalar: Caminhos Pedagógicos entre saúde e Educação.** – Santa Maria: Editora UFSM, 2005.

RODRIGUES, S. R; MACHADO, G. R.; FERNANDES, E. M.; ALBUQUERQUE, C. S.; ORRICO, H. F. **Oficina de acessibilidade ao currículo: da lógica adaptação à lógica da Inclusão.** In: V Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial, 2009, Londrina. Anais do V Congresso Brasileiro de Educação Especial, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 2227-2234..

RODRIGUES, R.V.; RODRIGUES, S. R.; FERNANDES, E. M. **Oficinas de acessibilidade ao currículo: Pensando na Inclusão da diversidade.** In: IV Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial e VI Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, 2010, São Carlos. Anais do IV Congresso Brasileiro de Educação Especial e VI Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Marília: ABPEE, 2010. p. 6916-6927.